



WE MARRY



**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

LAFAIÊTE — D. Francisca Lobo da Paixão, em favor de Maria Caetana e José P. Lobo, Francisco Anselmo e Anselmo da Paixão, João Lobo e S., como também pelas almas do purgatório. — D. Maria Antonia Lobo, em favor de Caetano Balbino. — D. Lourdes Peixoto Leitão, a Santa Ifigênia. — D. Maria Bittencourt, ao Imaculado Coração de Maria. — D. Cecília Mena Barreto F., a Santa Teresinha. — D. Maria Ferreira, a favor de Isaura dos Santos. — Sr. Alfredo Balbino Silva, a favor dos falecidos da família Lobo. — Sr. Joaquim dos Santos, a favor de Izabel e Arquimezes F. dos Santos. — Sr. Sebastião Torres Baeta Neves, a Nossa Senhora Auxiliadora e a Santa Teresinha.

SÃO PAULO — D. Benedita Siqueira, a Santa Teresinha. — D. Carolina de Sales Galvão, ao Imaculado Coração de Maria.

JUIZ DE FORA — D. Leonor Cherem, à Sagrada Família. — D. Nilza Cherem, às almas do purgatório.

PERDÕES — D. Ester Moreira, a Nossa Senhora.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — Uma devota, a São Judas Tadeu e Santo Expedito.

MUQUI — Sr. Corino Bambalducci Porcelini, a Nossa Senhora, pela novena das "Tres Ave Marias".

BOM SUCESSO — D. Lázara Brisola Duarte, em favor de Oscar Brisola Duarte. — D. Joaquina Lopes Duarte, em favor de Oscar Brisola Duarte.

MIRACEMA — Sr. Cunha Lemback, a Nossa Senhora de Lourdes e ao Espírito Santo.

JACUTINGA — D. Ana Campos Vale, a Nossa Senhora Aparecida.

ITAJUBÁ — D. Beatriz H., aos Santos de sua devoção, por graças alcançadas.

MONTE MÓR — Sr. João Rodrigues de Campos, ao Imaculado Coração de Maria e Beato Claret, em favor de seu filho e da família.

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO — D. Alice Villela Pereira, em seu favor e de Sebastiana de Castro Villela e às almas do purgatório.

SÃO JOAQUIM — Srta. Deolinda Avezum, a Nossa Senhora Aparecida e em favor das almas abandonadas. — Uma Filha de Maria, a São Benedito. — Srta. Noemia Ermelinda Avezum, ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria.

CATANDUVA — D. Maria Aguiar, em favor de Geraldo Fragoso.

BEBEDOURO — D. Diva Silva, a Nossa Senhora, pela novena das "Tres Ave Marias".

PARAISÓPOLIS — D. Ditinha Furtado, ao Santo de sua devoção, por duas graças alcançadas.

PIRACICABA — Sr. Otoni de Almeida Queiroz, a Nossa Senhora de Lourdes.

PÓRTO ALEGRE — Sr. Arnaldo Tschiedel, por Erica Tschiedel e Eduardo Kurtz. — D. Maria Sofia R. Ribas, a Jesus Sacramentado, por intercessão da Irmã Maria do Santissimo Sacramento.

FARIA LEMOS — D. Maria Amorim, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

OS SANTOS DA SEMANA

SETEMBRO

DIA 7 — XIV Domingo depois de Pentecostes. — Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.

DIA 8 — Natividade de Nossa Senhora. — Santo Adriano.

DIA 9 — São Pedro Claver. — São Gorgônio. — São Rufino.

DIA 10 — São Nicolau Tolentino. — Santa Pulquéria.

DIA 11 — São Jacinto. — São Deodoro. — São Proto.

DIA 12 — Santissimo Nome de Maria. — Santo Emiliano.

DIA 13 — São Ligório. — São Maurílio. — Santa Notburga.

Providência singular!

O fato se deu no Vicariato Apostólico de Fernando Poo (Guiné Espanhola), confiado aos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria.

O Missionário chegara à noite, após penoso caminhar, a um povoado indígena. A hospedaria era um pequeno paiol, a cama um montão de palhas e o travesseiro um grosso tronco. O Missionário acendeu a lanterna, fez sua oração e começava a recostar-se, quando sentiu fortes pancadas na porta da hospedaria.

— Talvez seja uma lufada de vento, pensou êle.

La deitar-se de novo e os golpes ressoaram mais impacientes...

— Quem será?

— Toma a lanterna, abre a porta com precaução e inspeciona.

— Ninguém! Será um sonho? Vamos dormir socegado. Não será nada.

Apenas começara a realizar seu intento e terríveis golpes sacudiram a porta.

— Quem é? pergunta.

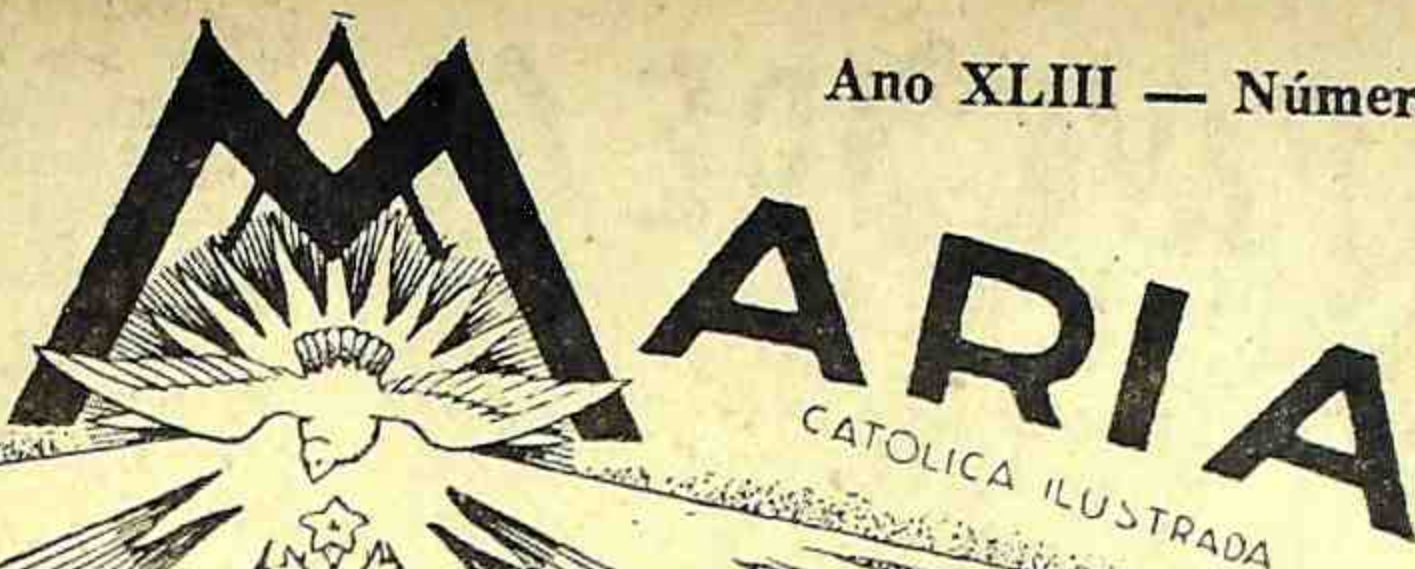
Silêncio sepulcral.

— Aqui ha algum mistério!

Toma a lanterna e, ao levanta-la, descobre com espanto sob o tosco travesseiro uma enorme serpente! O Missionário procura um bordão e esmaga a cabeça do reptil traçoceiro. Cae depois de joelhos e, com as mãos postas, agradece ao Altissimo o modo admiravel com que protegera o seu enviado.

AVE

REVISTA SEMANAL



ARIA

CATOLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua	150\$000
Ano	10\$000
Número avulso	\$500

(Com aprov eclesiástica)

RED. E ADMIN.:
Rua Jaguaribe, 899
Fone: 5-1304 - Caixa, 615
OFICINAS: Rua Martim
Francisco, 646-656

Os grêmios operários e a proteção orientada

Os esplendores do dia, a luz do sol lançando seus raios benéficos sobre as células vitais do mundo vegetal animado, a suavidade da noite repouso a natureza para o seu descanso reparador são as grandes instituições da sapientíssima Providência, a favor da humanidade.

Entretanto, os calores que revelam grande altura no termómetro não deixam de assolar as terras com as estiagens prolongadas, e as trevas da noite podem ocasionar aos homens inumeráveis desgraças, além de obrigar a suspensão de muitos trabalhos.

Todos estes inconvenientes e muitos outros não obstam, contudo, à principal e benfeitora serventia do dia luminoso e da noite escura, assim como os frios, as chuvas e as tempestades não deixam de ser aceitos, de boa vontade, pelos seus bons efeitos no evoluir da vida vegetal e animal, não obstante o desagrado que muitas vezes causam aos homens.

O interesse pelo mundo operário veio resolver graves problemas sociais em benefício de todos os cidadãos, dando a umas classes conforto e justiça, e a outras sossego e tranquilidade.

Não deixa, contudo, de haver interesses feridos e mal parados daqueles que por isso deixaram de elevar a grandes proporções os lucros, por muito tempo apetecidos.

Os próprios operários, favorecidos também, poderão lamentar o abuso que alguns

da sua classe poderão fazer da benevolência do legislador e das anuências de certos patrões.

Assim foi como, antigamente, naqueles famosos grêmios davam-se abusos até contra os mesmos associados, pela falta de regime competente: haviam, por exemplo, de concorrer, muitos dentre eles, com seus poucos haveres para algumas festas da associação, dando importância exagerada ao grêmio, e tal que nem os nobres de inferior categoria pretendiam para si, perdendo, pois, as vantagens econômicas e primárias da agremiação.

E foi por essa desordem, não reprimida com energia e habilidade pelos poderes públicos, que a Revolução liberalíssima, tanto política como social, avançando demais nos seus princípios, e sem consideração nenhuma com a máxima parte dos cidadãos que eram e são os trabalhadores, os obreiros, suprimiu as corporações operárias, ficando até aos nossos tempos abandonados à sua sorte e governo individual, e tendo de tratar cada um por si mesmo com os patrões as condições de serviço.

Mas essa independência relativa do operário deixava-o à mercê da esperteza do patrão ou empregador, o qual, tácitamente ao menos, se associava à especulação dos outros da sua classe, tal como acontece no mercado, em que os vendedores facilmente se coadunam ou talvez se combinam para o levantamento ou majoração dos preços, sem nenhuma consideração aos

poucos haveres do comprador que, pela necessidade de consumir certos artigos para si e para a família, não pode eludir o negócio da compra, embora o prejudique seriamente, até à ruína do seu cabedal.

Essa política dos inovadores da famosa Revolução foi, porém, excessivamente radical. O médico sábio e prudente não corta logo o braço ou a perna, porque êsses membros estejam doentes ou porque algum dedo ou artelho estejam atacados de gangrena: tratará primeiro de cura-los com os remédios convenientes, ou ao mais, amputará aqueles pequenos membros que, pelo seu contágio, põem em perigo a vida de todo o organismo.

Assim não fez neste assunto, como em muitos outros, com o seu obcecado radicalismo a negregada revolução de 1789, que tantas outras imitaram.

Os obreiros isolados, com os parques ou nenhum recursos de impossíveis economias, haviam de aceitar, para a continuação da vida, qualquer serviço e em quaisquer condições, impostas pelo empregador que só pensava no acréscimo dos seus lucros ou pelo menos queria, por todos os meios, bons ou maus, sustentar a sua indústria, muitas vezes periclitante pela falta de saída nas praças comerciais.

Somente a volta das associações operárias, aconselhada e recomendada pelo Sumo Pontífice, podia garantir o melhoramento da situação, sem precisar completamente da cooperação dos Governos dos Estados, porquanto muitos dêstes se compõem de burguezes, pouco interessados na melhor sorte do povo empobrecido.

Contudo, esta cooperação, se existir e for prudente, não exasperando com medidas muito radicais a classe dos empregadores, sempre será um ideal para o equilíbrio tão necessário dos elementos sociais.

Essa cooperação do poder público é necessária para impedir os inumeráveis abusos dos exploradores; assim, só se poderá exigir dos operários e de todos os que se acham na pobreza o pagamento dos impostos, e não certas contribuições para homenagens a determinados cidadãos, embora sob o título de gratidão, pois nesse caso o benfeitor perde toda a simpatia, pelos agradecimentos forçados.

Deve-se proteger zelosamente o público pela vigilância sobre o comércio, proibindo os preços excessivos não só à classe comercial como aos mesmos produtores, quando diretamente põem no mercado os

seus produtos. Os preços dos aluguéis e as condições higiênicas das casas que se alugam estão, também, no caso dessa proteção necessária.

E sem chegar à política totalitária é também o caso e a obrigação dos governantes a favor dos cidadãos, combatendo os abusos das bebidas e dos jogos, mantendo vigilância sobre a moralidade dos cinemas, como também sobre a observância do descanso dominical, e tomando as providências necessárias para o ensino religioso.

Pois que a questão operária, parte tão importante da questão social, não se reduz às providências econômicas, mas é necessário, para a sua resolução, o cuidado solícito sobre êsses outros elementos, tão precisos ao bem da sociedade e dos individuos que a compõem.

P. Luis Salamero, C. M. F.

A QUALIDADE ESSENCIAL PARA UM BOM CASAMENTO

★

O caso passou-se entre um jovem e um Sacerdote prudente e sábio.

— Senhor Padre, resolvi contrair matrimônio. Que lhe parece?

— Que não é desacertada sua resolução. O matrimônio é um grande Sacramento. A dificuldade toda está na escolha judiciosa e discreta da consorte.

— A moça que eu escolhi não pode ser melhor: as boas qualidades que a adornam difficilmente se encontrarão noutra. Passo a indicá-las e V. Rvma. verá se tenho ou não razão.

— Perfeitamente de acôrdo; anotarei o que for dizendo.

— É rica.

O Padre escreveu um zero.

— É formosa.

O Padre escreveu outro zero.

— É jovem.

O Padre acrescentou o terceiro zero.

É nobre.

O Padre escreveu mais um zero.

O jovem, muito atrapalhado, não compreendendo o significado de tantos zeros, ajuntou com timidez:

— É virtuosa.

O Padre, então, acrescentou uma unidade aos zeros e disse ao jovem:

— Muito bem, meu amigo; chegou, enfim, a qualidade essencial para um bom casamento. A riqueza dissipa-se, a formosura desaparece, a juventude passa, a nobreza não traz felicidade; só resta a virtude. É ela que dá valor a todas as outras qualidades. Sem ela, a riqueza se transforma em orgulho, a formosura em sedução, a juventude em capricho, a nobreza em opressão.

Dr. Ary de Abreu Lima

Reitor da Universidade de Pôrto Alegre

Sombrio e triste foi o dia 18 de Agosto para a cidade de Pôrto Alegre. Os ecos longínquos de uma terrível desgraça repercutiram, por todos os recantos da cidade, com o horrisono fragor de horrorosa tempestade. Nas primeiras horas da manhã daquele dia, decolara um avião da Panair, transportando a bordo o querido Reitor da Universidade Pôrtoalegrense, Dr. Ary de Abreu Lima, em viagem ao Rio de Janeiro, onde o chamavam assuntos do Conselho Nacional de Educação, de que era membro, representando as Escolas de Engenharia do país.

Pelas oito e meia horas da noite, um comunicado da Rádio Nacional anunciava que o avião da Panair, que partira de Pôrto Alegre às 9 horas da manhã, estava desaparecido, não se tendo mais notícias do mesmo. A esta desconsoladora informação, seguiram-se horas de inquietante ansiedade, que duraram até a tarde do dia 19. Fingiram-se as hipóteses mais desencontradas, na esperança incerta de poder encontrar com vida os passageiros do avião sinistrado. Pelas 5 horas da tarde, um telegrama de São Paulo veio cortar o último fio de esperança. Não havia mais dúvidas. O avião da Panair, em violento choque contra a serra da Cantareira, tinha vitimado existências as mais preciosas. Entre elas estava a do prestimoso Professor e Reitor da Universidade, Dr. Ary de Abreu Lima. Aquele entendimento profundo e clarividente, deixara de emitir os reverberos de claríssima luz com que iluminara, por tantos anos, as inteligências da juventude. Aquele coração magnânimo e generoso, que sempre pulsara movido por sentimentos os mais nobres, cessara violentamente o seu rítmico pulsar. Sobre aquela fronte serena e calma estendera-se, com uma celeridade incrível, o frio sudário da morte. Ary, — o homem de grande coração, o matemático profundo, o católico fervoroso, que não conhecia respeitos humanos, tombou como um herói no cumprimento de seus deveres profissionais. Todavia, a morte o não pegou desprevenido, porque para ela estava sempre preparado. No dia 17 recebera a Jesús Eucarístico no seu peito, e no dia 18, antes de embarcar, servira a Santa Missa com a piedade de um anjo.

O Dr. Ary de Abreu Lima nasceu em Quaraí, a 21 de Agosto de 1897, tendo feito seu curso de humanidades no Ginásio N. S. Auxiliadora, em Bagé, bacharelando-se em 1912. Fez o exame vestibular e matriculou-se na Escola de Engenharia de Pôrto Alegre em 1915. Como estudante, concorreu e venceu um concurso para engenheiro condutor da Secretaria das Obras Públicas.

Formou-se em 1920, tendo defendido tese em 1921. Em Março desse ano foi nomeado professor do Ginásio Júlio de Castilhos e em Junho professor da cadeira de Obras Marítimas na Escola de Engenharia. Em 1922 passou, também, a reger a cadeira de Navegação Interior e Canais, hoje fundida com a de Obras Marítimas.

Lecionou, em vários períodos, no impedimento dos professores, as cadeiras de Física, Geometria Projetiva, Topografia, Astronomia, Geodésia, Resistência dos Materiais, Grafostática, Estabilidade e Construção, Hidráulica, Saneamento e Economia Política.

Ocupou a direção da Escola de Engenharia de 1.º de Fevereiro de 1922 a 1.º de Abril de 1936. Em 1.º de Fevereiro de 1938 voltou à direção desse Instituto de ensino, deixando-a depois para ocupar a reitoria da Universidade de Pôrto Alegre.



Dr. Ary de Abreu Lima

Fazia parte do Conselho Nacional de Educação, do Conselho Universitário da Universidade de Pôrto Alegre e do Conselho Universitário da Escola de Engenharia.

Foi membro da diretoria da Sociedade de Engenharia e do Conselho Nacional de Engenharia.

Integrou várias comissões científicas, tendo representado o Rio Grande do Sul no Congresso de Engenharia, em 1935, e no Congresso de Estradas de Rodagem, em 1936. Encarregado pelo Governo do Estado, tomou parte na organização da Universidade de Pôrto Alegre.

Foi, ainda, o Dr. Ary de Abreu Lima, um dos componentes da comissão que elaborou o Plano Nacional de Educação, na parte referente à engenharia e agronomia.

Entre as suas realizações científicas e culturais, podemos destacar: o levantamento hidrográfico do Guaíba para o pôrto de Pôrto Alegre, programa para os estudos de ligação daquela capital ao mar, estudo sobre o regi-

men de rios e trabalhos hidráulicos, publicações e conferências sobre o problema das inundações em Pôrto Alegre e artigos na imprensa sobre a pavimentação de estradas e ruas.

O Dr. Ary de Abreu Lima, foi, também, durante muito tempo, engenheiro da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre, tendo ocupado a direção da Diretoria de Obras Novas e, nesse cargo, orientado vários e importantes trabalhos de embelezamento da capital rio-grandense, à qual deixa seu nome ligado por assinalados serviços.

Com a morte do Professor Ary de Abreu Lima, as ciências pátrias perderam um dos seus melhores luminares e a sociedade Pôrto-

alegrense um dos seus elementos mais valiosos.

Envolvido no manto cativante da simplicidade, praticando a verdadeira caridade sem a mais mínima ostentação, fiel e exato cumpridor dos seus deveres religiosos, desaparece do cenário da vida deixando um vácuo profundo no seio da sociedade e da sua desconsolada família e no coração de quantos o queriam bem.

“AVE MARIA”, que sempre se honrou com a valiosa amizade do ilustre extinto, apresenta à família enlutada os sentimentos de seu profundo pesar, e pede aos queridos leitores uma oração em sufrágio de tão grande alma.

Descanse em paz.

Página feminina

Tenhamos ideal!

CRIAR um ideal é admirar algum bem muito elevado e muito nobre que se tenha em vista alcançar. “Admirar é rezar”, e rezar é desejar a concretização desse bem que se admira.

A necessidade do ideal vem, em verdade, do nosso instinto de defesa que nos impele a nobres finalidades, desprezando cousas frívolas e superficiais.

É na alma — esse lampejo de Deus que santifica a matéria e onde sublimamos a sede dos sentidos e dos instintos — que o ideal gera-se, enchendo-a de força, de bondade, de beleza e de religiosidade. A alma superiormente idealista eleva-se acima de si mesma, é feliz, é sobranceira, porque vive dentro do seu mundo interior, criado, não com abstrações fantasistas e mentirosas de esferas puramente imaginárias e ultra-reais, mas com a superior compreensão da verdade, analisando a vida no que ela tenha de melhor, amando-a e aproveitando-a no que tiver de oportuno para a realização do seu sonho interior.

Ha quem diga que metade da existência passamos a sofrer que os outros não sejam o que nós queríamos que fossem e que a vida se nos depare diversa daquilo que nos insinuaram que era. Grande verdade, infelizmente verificada quando principiamos, na infância, a aimentar o espírito com mentiras e frivolidades, fantasiando desejos que nem o mundo nem os homens nos poderão satisfazer. Sadios desejos e louváveis concepções só os poderá ter a alma enrijada na escola da simplicidade.

A criatura, portanto, que admira e idealiza dentro das normas da bôa razão e do equilíbrio, torna-se dona de uma virtude que jamais se confundirá com o gosto das falsas honrarias e aparências porque vem da mais refinada educação do espírito através da paciência, da doçura e até mesmo do sofrimento.

Idéias de perfeição, de beleza de superioridade!... Traem a sua presença mais os gestos

que os alardes e as palavras. Revelam-se mais no olhar que nos gestos.

A nobreza de um gesto que renuncia ou que perdôa ou que redime; a doçura e a tranquilidade de um olhar que confia são asas invisíveis que elevam a pobre criatura humana até as alturas onde a poeira da terra não alcança, até o infinito, onde não ha limites nem barreiras para as expansões suavíssimas do espirito.

DIAMANTINA MARIA

PENSAMENTOS DE OURO

“Não te seduzam as obras fáceis. É belo fazer tudo o que os outros se recusam executar. Não cometas, porém, o erro de pensar que só tem merecimento executar as grandes obras; ha pequenos préstimos que são bons serviços: enfeitar uma mesa, arrumar uns livros, pentear uma criança”.

“Não te envergonhes de servir. O servir não é próprio dos seres inferiores. Deus, que nos dá o fruto e a luz, serve. Poderia chamar-se: O Servidor. E tem seus olhos fixos em nossas mãos e nos pergunta todos os dias: Serviste hoje?”

A quem? A árvore, ao teu amigo, à tua mãe?”

MÃESINHA

O ar puro é indispensavel no seu lar para a sua própria saúde e a dos seus.

Não consinta em fazer todas as vontades de seus filhos para não lhes prejudicar tanto a saúde moral como a fisica.

Acostume a seus filhinhos a dormir na sua própria caminha, desde pequeninos.

A higiene no lar evita um grande numero de moléstias.

Toda a criança e principa'mente toda a criança debil, necessita de sol. É bom, porém, cobrir a cabeça da criança enquanto estiver ao sol.

É conveniente dar banho às crianças, no verão, duas vezes ao dia.



Lições Evangélicas

XIV DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

A lição eloquente que nos apresenta hoje a Igreja foi tirada da parte final do Sermão da Montanha, tal como se encontra no fim do capítulo sexto de São Mateus.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou ha de odiar um e amar o outro, ou ha de afeiçoar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza.”

Duas forças antagônicas, continuamente a se deg'adiarem, não podem ter um mesmo soldado sob suas bandeiras.

O homem é feito para o céu, porém durante a sua vida sobre a terra as riquezas e os gozos temporais o inclinam para a mesma terra.

As preocupações dos bens temporais fazem um contrapêso tão grande nas ascensões da alma para Deus que muita vez nem ao menos lhe permitem alçar o vôo, chegando mesmo a sobrecarregá-la de tal sorte que a obrigam a rastejar pela terra.

Não podemos servir a Deus e ser escravos das riquezas e preocupações temporais. Como então cuidar das necessidades da vida?

Jesús nos dá a resposta: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo.”

Esta máxima importante é confirmada por toda esta parte do discurso do Mestre, encerrado no Evangelho de hoje.

São vários os argumentos aduzidos, e que aqui vamos comentar brevemente, com E. Duplessy.

Em primeiro lugar nos faz ver a maior importância do dom de Deus ao dar-nos a vida do que ao conservá-la: “Não andeis demasiadamente inquietos nem com o que vos é preciso para alimentar a vossa vida, nem com o que necessitais para vestir o vosso corpo. Porventura não vale mais a vida que o alimento e o corpo que o vestido?” É a Deus que devemos a nossa existência, e por certo não ha de falhar no menos quem se mostrou tão generoso no mais.

Agora a comparação de Jesús volta-se para os seres irracionais, afim de fortalecer a nossa confiança na divina providência, que cuida com extremos de solicitude pelo mais insignificante animal. “Olhai para as aves do céu, diz Jesús, e'as não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros, e contudo vosso Pai ce'este as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?”

“Quem pode, por muito que pense, acrescentar um côvado à sua estatura?” Eis o terceiro argumento, Deus que nos conserva a

existência e faz com que consigamos o desenvolvimento completo, por meio da evolução do nosso corpo, sabiamente regulada pe'a sua incomensurável sabedoria, por certo não deixará de manifestar a sua bondade nas necessidades da vida.

Volta-se agora Jesús para o reino vegetal, aponta um lírio do campo e diz: “E porque vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo, e'les não trabalham nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão, em toda a sua gl'ória, se vestiu jamais como um deles. Se pois Deus veste assim uma herba do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé!”

Bem consideradas estas palavras de Jesús, não podemos deixar de envergonhar-nos pe'a pouca confiança que manifestamos para com Deus. Deixemos toda a solicitude exagerada pelos bens terrenos, trabalhemos, sim, com energia, cumpramos os nossos deveres e ofícios com toda a escrupulosidade, mas não nos deixemos afogar por preocupações exageradas e inúteis.

Se nos faltar essa confiança em Deus, seremos como os pagãos, como os gentios que não acreditavam na providência divina: “Não vos aflijais, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? porque os gentios é que procuram todas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas.”

Só quem não confia em Deus, é que se desespera nos transees difíceis da vida.

Não queremos, com o que acima fica dito, excluir uma previsão moderada, um trabalho normal. Também as aves andam a busca do seu alimento, e as plantas elaboram do subsolo a seiva.

O que deseja o divino Mestre é que não nos inquietemos, não fiquemos submergidos nas preocupações materiais de tal sorte que nos esqueçamos da vida futura, da eternidade.

Preocupemo-nos acima de tudo com a salvação das nossas almas, pois da nossa solicitude pela gl'ória divina depende a nossa felicidade eterna.

Busquemos em primeiro lugar a justiça divina, os interêsses eternos, e veremos os nossos trabalhos e afazeres temporais abençoados por Deus.

Seja o princípio básico do nosso modo de agir a máxima de Jesús: “Buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.”

P. JESÚS MOURE, C.M.F.

Congresso Eucarístico de São Carlos

O encerramento do Congresso Eucarístico Diocesano de São Carlos, o V do Interior que se realiza em preparação ao IV Congresso Eucarístico Nacional, revestiu-se de grande imponência e piedade, constituindo-se em nova e empolgante manifestação de fé.

O Congresso de São Carlos foi o que até agora reuniu maior numero de Bispos; nada menos de onze Prelados presidiram as solenidades finais do certame, fato ainda inédito em cerimônias realizadas no interior paulista. Assim, além do Sr. D. Gastão Liberal Pinto, Bispo diocesano, compareceram à solenidade do encerramento os Exmos. e Rvmos. Srs. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano de São Paulo; D. Antônio Augusto de Assis, Arcebispo-Bispo de Jaboticabal; D. João da Mata Amaral, Bispo de Manaus (Estado do Amazonas); D. José Carlos Aguirre, Bispo de Sorocaba; D. Henrique Fernandes Mourão, Bispo de Cafelandia; D. Lafaiete Libanio, Bispo de Rio Preto; D. Manuel D'Elboux, B.spo auxiliar de Ribeirão Preto; D. Frei Luiz Maria Sant'Ana, Bispo de Botucatu; D. Paulo de Tarsos Campos, Bispo de Santos, e D. Francisco Borja do Amaral, Bispo de Lorena.

As 20 horas de sábado, na praça Voluntários, foi realizada a última sessão magna do Congresso, encerrada pelo Sr. Bispo de Manaus.

As múltiplas e concorridas cerimônias do encerramento, foram iniciadas à meia noite de sábado, com a missa de comunhão geral celebrada pelo Sr. D. João da Mata Amaral, Bispo de Manaus. Foi esse um belo espetáculo que impressionou vivamente, reunindo em torno à mesa eucarística para mais de cinco mil pessoas, sendo que a maioria dessa multidão era constituída por homens.

Das 6 às 10 horas, na estação local, chegaram as diferentes delegações de Paróquias da Diocese, que vieram assistir ao encerramento do Congresso Eucarístico Diocesano.

A cidade apresentou, durante todo o dia, com aspecto o mais festivo, reunindo em torno do Congresso Eucarístico a maior das concentrações de que São Carlos tem noticia.

As 9.30 horas, presente o Sr. Arcebispo Metropolitano, o Sr. Bispo Diocesano, o Sr. Prefeito Municipal, autoridades, funcionários da Prefeitura e grande número de convidados procedeu-se à solene entronização da imagem de Jesus Crucificado, no salão nobre da Prefeitura Municipal, a exemplo do que, durante a semana, foi realizado em dezenas de estabelecimentos fabris, casas de ensino, de caridade e outras instituições.

O Sr. Arcebispo Metropolitano procedeu à bênção litúrgica do belo crucifixo. Logo após, usou da palavra o Sr. Dr. Eduardo Maia Filho, que exaltou o significado da cerimônia. Também usou da palavra o Sr. D. Gastão Liberal Pinto, que encerrou o expressivo ato.

As 10 horas, revestido da capa magna e acompanhado de todos os Srs. Bispos e das autoridades locais, chegou ao pavilhão armado na praça Voluntários o Exmo. Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, que deu início ao solene pontifical de encerramento. O vasto lo-

gradouro apresenta-se inteiramente tomado por incalculável multidão, vendo-se à frente as Filhas de Maria da capital, que em número de oitenta vieram em caravana para assistir o Congresso, e os diferentes colégios e delegações da Diocese.

O cântico, a cargo dos Cônegos Premonstratenses de Jaú, executou a missa "Prima", de A. Moortgat, partes móveis e gregorianas, a duas vozes.

Findo o pontifical, foi lida pelo Rvmo. Cônego Manuel Correia de Macedo, locutor do Congresso, a concessão de indulgência plenária aos fiéis que se tendo confessado e comungado assistam ao encerramento do Congresso.

Logo em seguida, do trono, o Sr. Arcebispo Metropolitano deu a bênção papal, recebida contritamente pela multidão.

As 16 horas, iniciou-se a triunfal procissão eucarística de encerramento.

Abria o cortejo, com todo o seu efetivo e a sua banda de clarins, o Tiro de Guerra 148, de São Carlos.

Conduzindo o Santíssimo Sacramento em artístico carro triunfal, de joelhos e acompanhado por milhares e milhares de pessoas, vinha o Sr. Arcebispo Metropolitano.

A grandiosa parada de fé percorreu um itinerário de 3.600 metros.

Conduzindo o Santíssimo Sacramento ao altar-monumento da Praça Voluntários, o Sr. Arcebispo Metropolitano oficiou a bênção do Santíssimo Sacramento, assistida por uma multidão superior a vinte mil pessoas e que acompanhara a procissão em todo o percurso. No momento da bênção, enquanto todo o povo se prostrava piedosamente, fez-se ouvir a marcha batida.

Finalmente, para encerrar o Congresso Eucarístico de São Carlos, usou da palavra o Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, Arcebispo Metropolitano.

Iniciando sua oração, S. Excia. afirmou que aquela empolgante cerimônia era de fato expressiva miniatura do que São Paulo realizará em Setembro de 1942, pelo que S. Excia. felicitava, de coração, a brilhante Diocese de São Carlos, que com tanta piedade e brilho se houvera no seu Congresso Eucarístico, prova sobeja do zelo acendrado do seu Clero e do seu Bispo que sabem movimentar almas e corações.

A seguir, S. Excia. historiou a criação da Diocese de São Carlos, para prestar sentida homenagem às figuras do Sr. D. Duarte Leopoldo e Silva, seu antecessor no sôlio Arquiepiscopal de São Paulo, e do engenheiro Adolfo Pinto, progenitor do Sr. Bispo Diocesano e um dos mais denodados e saudosos batalhadores pela criação da Diocese de São Carlos. Recordou também a figura do primeiro Bispo diocesano, D. José Marcondes Homem de Melo, afirmando que os atos do Congresso constituíam sufrágios a essas três beneméritas e formosas almas.

Prosseguindo, D. José Gaspar de Afonseca e Silva convidou a Diocese para o Congresso Eucarístico Nacional em Setembro de 1942 e afirmou que São Paulo não é apenas a terra

pioneira da lavoura, indústria e comércio, mas sobretudo a terra eucarística. Concluindo, enquanto o povo agitava lenços, chapéus e f.ámulas, o Sr. D. José evocou as melhores bênçãos de Deus para a Diocese de São Carlos, terminando com um caloroso viva a Jesús Eucarístico.

Cessados os prolongados aplausos que coroaram a oração do Sr. Arcebispo Metropolitano, todo o povo entoou o Hino do Congresso Eucarístico de São Carlos, de autoria do desembargador Afonso José de Carvalho. dispersando-se após, na mais perfeita ordem e com magnífica impressão da brilhantíssima apoteose que constituiu o encerramento do Congresso Eucarístico local.

O trabalho e o Cristianismo

ENTRE os povos pagãos, era o trabalho considerado um opróbrio. Calcando aos pés toda justiça e todo sentimento humano, a sociedade dividia-se em duas camadas diversas: uma pequena e privilegiada: a aristocracia ou os senhores; outra infeliz em extremo, despida de todos os direitos e humilhada ao pó que pisava a primeira: eram os escravos e os operários.

O escravo ou o operário era, para aqueles povos bárbaros, uma espécie de animal irracional: só tinha direito a um pouco de alimento e castigos incriveis. Não é mister que exponhamos o estado em que ficavam esses infelizes.

Cristo, Salvador nosso, foi o libertador dos oprimidos. Ele não se envergonhou de nascer pobre e trabalhar numa humilde oficina, e com o suor de seu divino rosto ganhar o necessário à vida. Ele, Deus, Senhor de tudo que existe no céu e na terra, dando exemplo aos homens!

Mas, não foi só o exemplo: sua doutrina mostra-nos que somos todos irmãos e a caridade cristã foi o vínculo sagrado que uniu pequenos e grandes; que formou de todos os homens uma família e de toda a família um corpo, que é a Igreja Católica.

Na Igreja somos todos iguais, somos todos filhos diletos, aos quais se distribue igualmente o pão eucarístico e os sacramentos em geral.

Os mais ilustres cristãos tiveram em grande honra o trabalho, e o próprio São Paulo ganhava a vida no seu ofício de fabricante de tendas. Mas, não só depois de Cristo, não só os cristãos de nossos tempos se orgulham do trabalho: os sábios e os gênios de todos os tempos amaram o trabalho e a ele deveram suas glórias e seus triunfos.

Alexandre Magno costumava dizer: "O trabalho é próprio de reis, e a ociosidade, de escravos".

Os cristãos, seguindo os ensinamentos e exemp'os de Cristo e dos Apóstolos, sempre procuraram no trabalho um meio fácil de cumprir seus deveres. As filhas de Carlos Magno aprenderam, cada uma, um ofício doméstico com o qual serviam seu pai. O tra-

balho pessoal é uma grande honra para um cristão, que nele vê o cumprimento do dever.

O que degrada o homem são os vícios. Estes é que o tornam escravo e infeliz, pois que a alma não vive do vício mas nele está morta, soffrendo as torturas mais denegantes, porque são opróbrios patentes que não escapam ao juizo reto da consciência. E a ociosidade é mãe de todos os vícios; daí o perigo dos que odeiam o trabalho.

É difícil ao homem perseverar no bem, se não tem uma ocupação honesta. Quantos pecados deveram sua origem ao ócio! Ora, o pecado é o maior mal possível, pois priva do maior bem, que é Deus. E Deus, que é Pai amoroso e quer dar-se a nós como herança infinita, para que O gozemos sem fim no dia da eternidade, quer que trabalhem para que não caiamos em pecado.

O trabalho é um preceito divino imposto ao homem prevaricador, mas é um preceito de Pai, e Ele mesmo, na pessoa de seu divino Filho, veio ao mundo e trabalhou com suas mãos, soffrendo o rigor da pobreza para elevar esta classe social, antes abatida pelo orgulho pagão. Hoje, não é mais deshonra trabalhar, segundo o exemplo de tantos Santos e o do próprio Jesús. Hoje, os homens civilizados têm grande honra de trabalhar, quer física quer mentalmente.

A sociedade humana é um corpo complexo, composto de muitos membros. Ora, o corpo para gozar saúde e felicidade necessita que cada um dos seus órgãos desempenhe sua função perfeitamente. As diversas funções sociais, desde o humilde agricultor até ao mais poderoso imperador, desde o mais inculto habitante dos sertões até ao mais sábio professor das universidades, são todas *trabalho*, que requerem esforço e sacrificio. Nossa fé nos ensina que esse sacrificio, necessário para o bem da sociedade, nos é pedido por Deus, seu Autor; ensina-nos a fé que esse Ser Supremo é Pai amoroso, procura nosso bem e quer nossa felicidade.

Vemos, pela experiência, que o trabalho é fonte de riquezas, de honras, de glórias, e que as fadigas são transitórias e os frutos de nossos esforços são perenes. A razão nos diz que seria grave absurdo uma sociedade onde ninguém se obrigasse ao bem comum, pela cooperação fiel de suas forças. Não são apenas nossos semelhantes os beneficiados: é-o a sociedade e, portanto, nós mesmos, como membros dela. Trabalhando, procuramos o bem coletivo e individual.

Quantas razões bellissimas induzem nossa vontade a abraçar, com amor, esse peso santo, que é fonte de nosso bem!

Um homem que, tendo saúde e forças, nada fizesse, seria indesejavel à sociedade: um parasita, a viver do suor alheio.

Trabalhem todos, pois o trabalho é um dever sagrado imposto por Deus; o trabalho nobilita o homem, porque faz dele um fiel cumpridor de seus deveres religiosos e sociais. Ninguém deve nem pode ficar ocioso: trabalhem, pois o trabalho tem gamas dignissimas para todas as camadas sociais.

Contribuamos com o nosso grão de areia para a edificação do palácio social, e Deus nos recompensará.

Meu Cantinho

Educação física da mulher

CULTURA FÍSICA

Nunca fomos, nem podemos ser, nem o seremos jamais, nós católicos, inimigos da cultura física. O *mens sana in corpore sano*, dos antigos, ainda o aceitamos hoje e o pomos em prática. Não venham por aí com a tolice e a velha cantilena de que nós, Padres e católicos, somos retrógrados puristas medievais, inimigos do progresso e da raça.

As raças fortes se formaram sob a proteção, a bênção e a luz da Santa Igreja. Basta um pouco da história da civilização dos bárbaros. A lenda dos *mil anos*, sem banho das *trevas* medievais só existe no cérebro embotado e carunchado de uns suieitinhos metidos a intelectuais e metidíssimos a *sebo*, com pretensões de cultura e ranço de anticlericalismo. A Igreja aprova, abençoa, incentiva a cultura física. Desaprova, destesta e protesta contra o nudismo, a promiscuidade, o feminismo sem compostura, o exagero, a mania e loucura esportiva com adoração do corpo, e idealismo puramente racista.

GINASTICA

E as meninas e moças não hão de fazer ginástica, nem cultivar o físico para a saúde e as lutas da vida?

Perfeitamente. Ninguém achará documento algum da Igreja que desaprove a cultura física da mulher.

Façam ginástica as meninas. Nadem como peixe, saltem como serelepe, mas... sejam modestas, tenham compostura.

Por que a ginástica ha de ser interessante e útil só quando se exhibe em público? A exhibição faz parte do desenvolvimento dos músculos, e os olhares atrevidos e maliciosos da rapaziada ajudam à cultura física das moças?

A nossa questão, saibam todos os anticlericais, não é de cultura física, é de exhibição, de pudor, de respeito ao pudor natural da mulher, da modéstia que ha de cultivar a juventude feminina.

Façam as meninas e jovens a sua ginástica e exercícios físicos, sejam boas esportistas mas... e aí está o *busilis* da questão... não é mister que o façam em promiscuidade com rapazes e homens, em trajes quasi de Eva e em exhibições públicas.

Em Colégios de Irmãs, em Associações esportivas de moças, não fazem exercícios e não cultivam, tantas moças, o esporte com grande proveito para a cultura física e sem quebra do recato e do pudor das jovens?

Respondam-me os *racistas*, os fanáticos da cultura física: — Que vantagem traz a *exhibição* à cultura física da mulher?

E ponham na cabeça esta verdade: — A

Igreja e nós, católicos, não condenamos a cultura física da mulher; condenamos, sim, a promiscuidade, a imodéstia, a falta de pudor.

PLANO DIABÓLICO

A maçonaria jurou combater a Igreja e não o faz abertamente. Disfarça-se, acoberta as suas manhas em manobras sorrateiras, tendentes a criar um ambiente pagão, hostil ou indiferente ao ideal cristão.

Judaísmo e maçonaria conspiram com tamanha astúcia neste terreno que dificilmente lhes percebemos as manobras. Mas a *raposa* se trae. Eis aí uns tópicos elucidativos:

O "Código Maçônico" de 1922, pag. 3, diz que "são sem princípios a moral universal e a lei natural", e, para provar essa moral, aconselha, na "Revista Judaico-Maçônica", de Bogotá, capital da Colômbia, o seguinte, em matéria de educação feminina:

"... Façamo-las (as jovens colegiais, em trajes indecentes) *executar evoluções ou manobras nas quais se procure haja algumas bem provocantes. Ao mesmo tempo, estimulem-se, com ap'ausos de todos os sátiros presentes, homens e mulheres. Com isso não ficará uma só jovem com pudor e vergonha, e assim as teremos ganho para a Nossa Causa. Quando os pais e as mães se derem conta do nosso trabalho, será tarde, porque essas mesmas jovens terão gosto nestas apresentações e baile, até nos jogos mixtos mais escabrosos. O perfeito seria conseguir os banhos mixtos nas piscinas de natação...*"

Cremos não ser preciso acrescentar mais nada...

E muitas outras cousas vos poderia dizer, meus leitores, sobre tão vasto assunto.

O pensamento da Igreja está claro, na Enciclica de Pio XI, *Illius Divini Magistri*, e nas suas normas tão sábias de prudência aconselha, incentiva a cultura física, dizendo com Pio XII: "A moça moderna pode ser graciosa, esportiva, mas não ha de perder o seu pudor".

Os jogos e esportes violentos nunca foram próprios à delicadeza do belo sexo. São mesmo antihigiênicos e prejudiciais.

Os gregos, tão falados pela sua cultura física, nunca educaram suas filhas em jogos violentos. Proporcionavam-lhes ginásticas, exercícios físicos em delicadas e clássicas danças ritmadas. Educavam a mulher fisicamente, na delicadeza dos exercícios ritmados.

As *gregas* de hoje querem jogar futebol e arremessar dardo...

Embruteceram-se...

Masculinizam-se, querem músculos rijos e modos grosseiros.

Escreveu alguém, e com muito critério:

"Está certo que se recorra a uma educação física feminina, dentro das exigências

fisiológicas do sexo. Mas entregar-se à menina em evolução para a mulher um programa de ginástica inteiramente contrário a essa evolução prejudicial ao futuro biológico do indivíduo é concorrer para a degenerescência da raça, para hipertrofia do tipo somático futuro.

Pular, saltar, arremessar dardos, discos e pesos são exercícios tipicamente masculinos, destinados ao enrijecimento dos músculos para a afirmação da força bruta. Todos os jogos, pois, em que o homem se adextra são impróprios e perigosos para a mulher, cuja função é outra, muito diferente. É uma função espiritual, em que o movimento físico é apenas o pretexto, o quanto baste, à expressão da alma nos vãos de qualidade.

Por que, ao invés dos movimentos ginásticos violentos, não se submete a mulher a movimentos ritmados lentos e harmoniosos? Esse é que é sempre o exercício físico para o sexo que, a-pesar dos pesares, ha de ser sempre o sexo fragil".

Educação física da mulher, sim, mas... dentro das normas do pudor e da delicadeza do belo sexo.

P. Ascânio Brandão



Cêrca de prata

Um lavrador rico possuía grandes lavouras. Embora bem tratadas as terras, a colheita era escassa, o gado andava magro, os campos e prados estéreis. Os balancetes anuais acusavam, todos os anos, consideravel "deficit".

Justamente o contrário sucedia com um pequeno sitiante, visinho do lavrador, católico prático, temente a Deus. Sua lavoura progredia sempre, suas vacas eram gordas e davam leite em abundância.

Certo dia, perguntou o lavrador ao sitiante:

— Que devo fazer, para que minha lavoura prospere?

Respondeu-lhe o interrogado:

— Rodeia tuas terras com uma cêrca de prata e Deus as abençoará!

— Com uma cêrca de prata? Não compreendo!

— Pois então, vem amanhã com dinheiro miúdo e eu te ensinarei como se faz isto.

O lavrador rico, embora constrangido, compareceu no dia seguinte e achou sua lavoura rodeada de mendigos, que o sitiante havia convidado.

A êles, um por um, tinha de dar boas palavras e uma moeda. E os pobres respondiam:

— Deus lhe pague!

O piedoso visinho lhe disse então:

— Eis a minha cêrca de prata! Põe-na e conserva-a sempre, também, ao redor de tuas lavouras.

Foi este o momento em que a graça divina entrou no coração do rico, para alí criar raizes.

Tornou-se caridoso, grande benfeitor dos miseráveis, vendo em cada indigente o próprio Jesús Cristo.

Em compensação, seus campos e prados prestes deram frutos cêntuplos, os bens aumentaram e do seu coração afastou-se o desasossêgo, que antes tanto o atormentava.

Leio e... sorrio

O DOTE

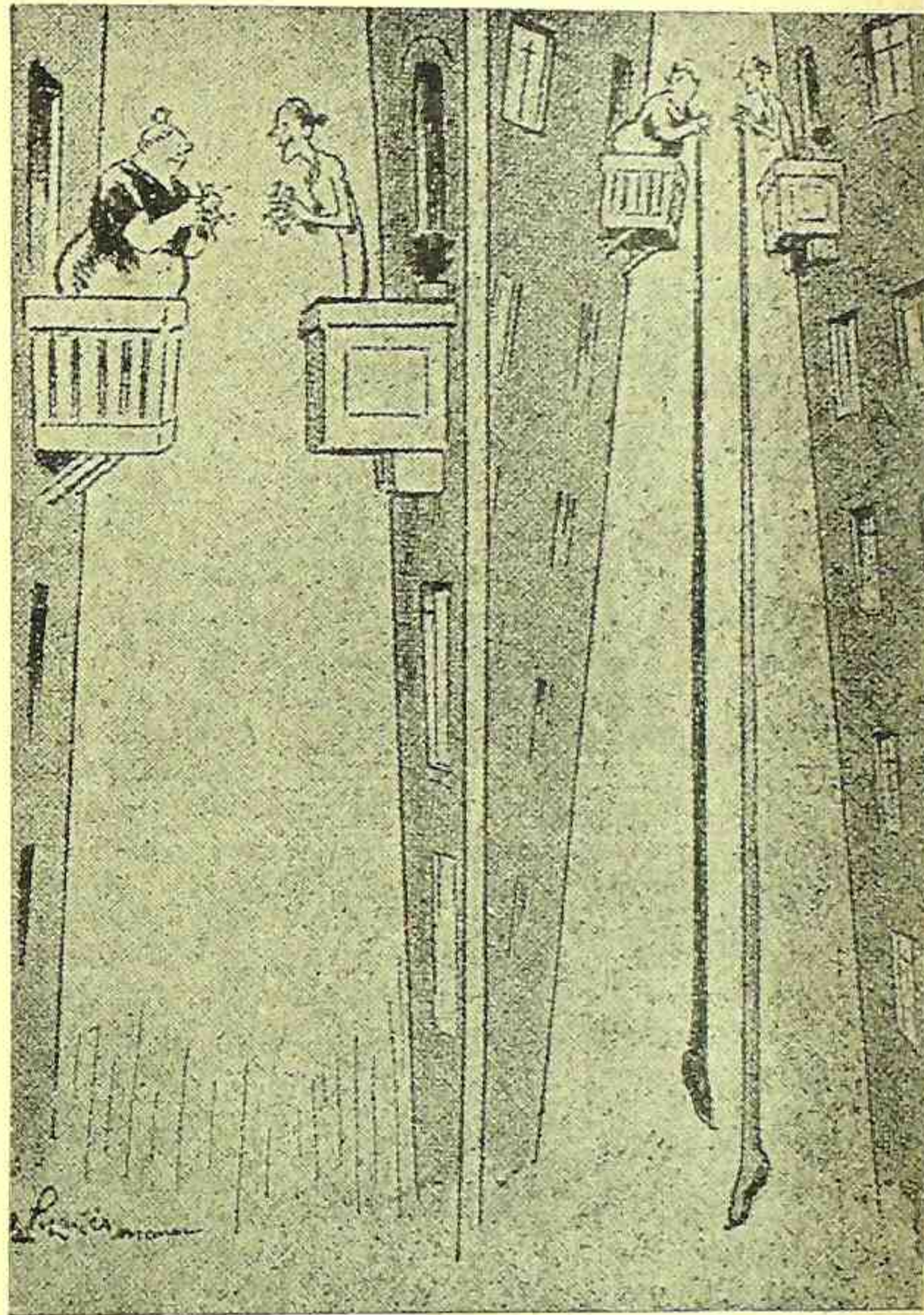
Dois camponeses conversam:

— O dote de minha filha, o meu genro devorou-o em dois meses!

— E qual era o dote?

— Um porco e duas galinhas.

★



Palestra agradável

★

A BOLSA OU A VIDA!

Felício era um pobre homem que vivia dominado pela mulher e pela sogra; aquela, tomava conta de tudo que lhe pertencia, e esta, chegava a dizer-lhe que a vida dele estava em suas mãos, e que o dia que cismasse...

Era um martírio a vida do pacato Felício.

Uma noite, estava êle só, em casa, meditando na sua sorte, quando de repente sentiu um rumor atrás de si.

— A bolsa ou a vida! diz-lhe um larápio

Felício, cruzando as mãos sobre a enorme barriga, exclamou:

— Ora, meu amigo, está perdendo o seu tempo, e isso porque a bolsa está com a minha mulher e a vida com a minha sogra...

• Aborígenes •

Os índios da América do Norte ou do Sul são autóctones ou aborígenes, de modo que eles constituam uma espécie à parte, diversa da raça de Adão e Eva, ou vieram da Europa, da Ásia ou da África?

Pelo fato de haverem sido encontrados pelos europeus na América os ameríndios, não se conclue, por certo, que hajam sido de uma espécie diversa da raça dos nossos primeiros pais. A hipótese mais provável é que hajam provindo da Europa, da Ásia ou da África.

“As ciências modernas — a Antropologia, a Linguística, a Etnografia, a Ciência das religiões e a Arqueologia — são unânimes em afirmar a existência de numerosos laços de parentesco entre as raças do antigo e novo Mundo. A primeira destas ciências reconheceu, em grande número, serem os americanos de tipo mongólico ou asiático, nitidamente caracterizado”. A Linguística encontra acentuada analogia entre as línguas americanas e algumas das antigas línguas asiáticas e européias, como, por exemplo, entre as últimas, o vasconço, analogia que não pode ser obra do acaso e mais e mais confirma a unidade das línguas do universo. Trombetti o confirmou.

Em São Vicente, no Estado de São Paulo, alguns índios falavam um idioma que foi para logo entendido por japoneses que para ali se transp'antaram, graças às tantas semelhanças entre o idioma daquela tribo e o nipônico.

“A Etnografia mostra, nas lendas, nos cantos, nos usos e costumes dos indígenas do novo Mundo, sinais inequívocos de consanguinidade com os povos do antigo Continente”.

Cabral foi bem recebido pelos índios, como o foram os primeiros colonizadores entre outros povos, quando os deixaram em paz.

“O estudo das religiões da terra fez descobrir instituições cristãs, judaicas ou budistas, embora desfiguradas, na mitologia americana”. Quem não sabe, no Brasil, do mito do Sumé (São Tomé) e do dilúvio: Tamandaré salvo das águas num olho de palmeira?

“A Arqueologia aponta na América milhares de objetos de tão pronunciada semelhança com os produtos da indústria do Mundo antigo (como na tribo civilizada dos Incas, dos Aztecas e nas da Ilha de Marajó) que se diriam fabricadas além do Atlântico”.

Entre Ventura e Morro do Chapéu, na Baía, narrou-nos um capitão do exército germânico em 1921, quando regressava da excursão àquele Estado e levava consigo para o Museu de Berlim novidades de alto valor arqueológico, encontrara ali, no topo do monte, fosseis de peixes antidiluvianos, em pedras quebradas sem a menor conservação. Prova, observou ele, de que houve um mar interno ou mais claramente águas do dilúvio universal, como se veem conchinhas no rio de Conchas, no Interior do Estado de São Paulo.

Qualquer antropologista sabe perfeitamente hoje que os habitantes indígenas teem feições parecidas com as de vários povos da Europa e da América, e não constituem eles espécie distinta da raça de Adão. Natural fôra que o

homem, sob o céu dos trópicos, modificasse algum tanto as feições, como se modifica ainda hoje quem se muda da cidade para o mato ou para as quentes praias. O Marquês de Nadaillac, eminente sábio, declara “que em condições biológicas e climatéricas diversas, e no meio de fauna e floras diversas também, seria de admirar que só o homem se não mudasse e ficasse inteiramente semelhante aos do Mundo antigo. É semelhante nas particularidades anatômicas ou fisiológicas, semelhante nos instintos, semelhante na inteligência e no gênio criador” (América prehistórica, 571).

* * *

Por onde haveriam passado eles? Os Polinésios empreendiam longas viagens por mar, como os fenícios, e tinham os seus segredos, como Portugal possuía o arcano dos mares navegados: a lei do arcano. Para fins de comércio e fins políticos.

Os Escandinavos, na idade Média, haviam percorrido secretamente os mares todos do Norte e além, por mares desconhecidos, em barcos de pesca de exiguas dimensões. Quando se lhes falou do descobrimento da América, não lhes era desconhecida tal região. Importa lembrar que a América pouco está separada da Europa, já pela parte da Islândia, já pela parte da Rússia Asiática. Pequeno o espaço, entre o Estreito de Behring, dos litorais da Ásia e da América. E a população que as habita se mostra de aparência idêntica. As Ilhas Alencianas, outra ponte, fácil de transpor. Até hoje são frequentes as comunicações entre o Alaska e o Kamtchatka. Ha ventos favoráveis. “A Noruega não dista muito da Islândia e esta menos da Groenlândia, que já pertence à América e fica separada do Canadá apenas pelo estreito de Davis”. Atenda-se ainda às correntes marítimas — a do litoral africano para as costas da América do Sul e a de Kuro-Siwo, que atravessa o Pacífico, do Japão à Califórnia. Não é de admirar que navios de mongóis ou de brancos, assim como outrora os dos fenícios ou egípcios tivessem podido chegar, ciente ou por acaso, aos litorais da América.

Em 1500 já havia portugueses em São Paulo, João Ramalho; e na Baía, Caramurú. Como haviam ter dado às costas brasileiras?

Notou o Sr. Brooks na Califórnia que, em poucos anos, ali se haviam contado 60 naufrágios de navios orientais. E observou alguma semelhança entre as tribus indígenas daquela região e os da raça japonesa. Não espanta que alguns navios das Canárias houvessem parado na América Central ou do Sul, desgarrados mar a dentro.

Entre os chineses, vulgar é a relação dos budistas com o país de Fu-Sang, país que se identifica perfeitamente com a América. Conheciam eles a bússola. Podiam orientar-se facilmente. E a famosa Atlântida? Lenda apenas, ou havia real observação de certos povos, adstritos ao segredo marítimo? Pelos traços, não ha duvida, os ameríndios se filiam claramente à linhagem européia-asiática ou africana. São nossos irmãos. Homens do mesmo estofa e com a mesma alma imortal.

P. Armando Guerrazzi



O GOVERNO DE TÓKIO reconheceu, legalmente, a personalidade política e civil da Igreja Católica Apostólica Romana, embora ainda não tenha permitido a representação diplomática da Nunclatura.

O MINISTRO JAPONÊS DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, Sr. Yosuke Matsuoka, declarando aos jornalistas as profundas impressões que recebera na visita à Sua Santidade o Papa Pio XII, disse: "O Santo Padre teve a bondade de me receber e de me deter por muito tempo, a-pesar das suas muitas e transcendentais ocupações, em conversa íntima e das mais gratas que na minha existência tenho tido. Naturalmente, não me é possível manifestar-lhes o que tratamos em conversa. Sômente lhes digo que foi interessantíssima e que fiquei profundamente impressionado pela bondade do Papa, por sua extraordinária clarividência das cousas e do momento atual, pelo seu tato delicadíssimo em versar as questões mais espinhosas, pelo seu critério admirável acerca delas e por seu acêrto, verdadeiramente surpreendente, em propôr os remédios dos males que em nossos dias afligem a humanidade. Digo-lhes mais, que a impressão recebida não sômente foi profunda, mas também a mais grata da minha vida, a mais ilustrativa da minha vida, a mais consoladora, e, numa palavra, foi tal que estou certo de que me acompanhará até à morte".

OS CATÓLICOS NORTEAMERICANOS lutam para se defender da imoralidade que os quer invadir. A "Legion of Decency", que tem conseguido triunfos sem conta, estendeu o ráio de ação à luta contra a pornografia. O próprio Presidente da Camara de Nova York, ainda que judeu, vai à frente nessa nobre luta, e os episcopálicos defendem a tese católica contra a limitação dos nascimentos.

ESCRITORES que, em geral, se dedicam ao gênero de "literatura de antecipação", focalizam muitos aspectos do que será o mundo em futuro muito distante, mas raras vezes se ocupam da transformação do ser humano. Modificam a indumentária, mas acreditam que o homem será fisicamente igual ao de hoje.

Entretanto, cientistas norteamericanos sustentam que o ser humano terá de ser transformado com tempo. Um destes cientistas afirmou que, dentro de três mil anos, o homem será muito diferente e muito mais feio do que o de hoje.

Seus olhos acabarão por atrofiar-se com a intensidade da luz que se torna cada vez mais forte e incide sobre os órgãos visuais.

Os ouvidos, à força de terem de distinguir milhões de sons diferentes, acabarão por perder parte importantíssima de sua sensibilidade.

E o cabelo, com a alimentação apenas dirigida para nutrir os órgãos essenciais do corpo, finalmente cairá, deixando a cabeça do homem lisa como uma bola de bilhar.

Em suma, no ano 5000 o homem será míope, surdo e calvo.

É A SEGUINTE a estatística dos templos católicos no Brasil: Minas Gerais, 2.087; São Paulo, 1.506; Baía, 837; Rio Grande do Sul, 640; Pernambuco, 626; Estado do Rio, 524; Ceará, 448; Paraíba do Norte, 428; Alagoas, 393; Distrito Federal, 253; Paraná, 246; Rio Grande do Norte, 217; Pará, 214; Maranhão, 154; Sergipe, 152; Amazonas, 123; Mato Grosso, 154; Santa Catarina, 209; Território do Acre, 10.

CRISTOVÃO COLOMBO terá sua estátua em Nova York. O monumento será levantado em um bairro onde habita principalmente uma população de origem italiana e sua situação exata será ao centro de uma praça com o seu nome. O autor do monumento é o escultor Angelo Racciopi. O artista conta 36 anos e faz parte do grupo de escultores que trabalham para a seção artística da Wpa (Workers Progress Administration), que foi criada na administração do Presidente Roosevelt.

A estátua, que mede perto de três metros de altura, levanta-se sobre um pedestal que representa a proa do navio que, em 1492, chegou a Maití. O grande navegador aparece vestido com uma curta túnica, "plissada" pelos ventos oceânicos. O seu rosto está enquadrado por uma cabeleira abundante.

PROMULGANDO OS ATOS ENTRE O BRASIL E O PARAGUAI, firmados no Rio de Janeiro, o Presidente da República assinou o seguinte decreto: "O Presidente da República, tendo sido ratificados a 26 de Junho de 1941, e havendo sido trocados os respectivos documentos de ratificação na cidade de Assunção, a 2 de Agosto de 1941, decreta que os atos abaixo, assinados entre o Brasil e o Paraguai, no Rio de Janeiro, a 14 de Junho de 1941, apensos por cópia ao presente decreto, sejam executados e cumpridos tão inteiramente como neles se contém:

1. Convenção para construção e exploração da Estrada de Ferro de Concepción a Pedro Juan Caballero;
2. Convênio sobre o estabelecimento, em Santos, de um entreposto de depósito franco, para as mercadorias exportadas ou importadas pelo Paraguai;
3. Convênio sobre a concessão de créditos recíprocos, destinados a facilitar o intercâmbio comercial;
4. Convênio sobre compra de produtos;
5. Convênio sobre o tráfego fronteiriço;
6. Convênio sobre a criação de uma Comissão Mixta, incumbida de preparar as bases de um tratado de comércio e navegação;
7. Convênio para constituição de Comissões Mixtas, encarregadas de estudar os problemas de navegação do rio Paraguai, nas águas jurisdicionais dos dois países, e a criação de uma frota mercante brasileira-paraguaia;
8. Convênio de intercâmbio cultural;
9. Convênio para o intercâmbio de técnicos;
10. Convênio para permuta de livros e publicações.

Biblioteca amena da "AVE MÀRIA" (7)

Vigário Brandão
Purezinha

— Nho Quim: estão dizendo que vancê vai ser sogro.

— Não parece; acho que é boato. A filha não quer se casar, compadre. Acho que não se deve obrigar, pois não é?

— Muito direito. E depois, o Manecão já não é o que era: deu pra beber agora. Hontem mesmo saiu da venda com a cabeça rachada e esquentado de pinga. Eu até já ia avisar vancê, compadre, porque casamento de filha da gente com cachaceiro... Deus nos livre!

— A Purezinha não quer e eu também não quero. A mana Sinhana teimou de fazer casar a menina...

— Mas não se iluda, compadre: não deixe êste casamento!

— Mas estou lhe dizendo: a Purezinha não quer e não quer...

— Louvado seja Deus! Compadre, a prosa vai longe. Adeus! Logo eu mando buscar o garrote a leitôa. Os cinquenta mil réis...

— Tá, tá, leve já.

— Deus lhe pague! Nossa Senhora lhe ajude e faça tudo aqui aumentar!

— Assim seja. Mas, espere o almoço.

— Capais! Hoje tenho muito que andar. Até por lá!

E o fazendeiro monta, esporêa o burro e desaparece na encruzilhada.

.....

— Sinhana! Sinhana! Ôô Sinhana!
Lá do fundo do terreiro a velha responde, gritando:

— Que é nho Quim? Pronto! Já vou!

— Olhe, mana: o caso do Manecão já todo mundo sabe. O rapaz deu pra beber, é desordeiro. Agora nem que a Purezinha quizesse... ouviu?

— Mas é calúnia, nho Quim!

— Seja o que for!. Não me fale mais nisto. E desista de uma vez dêste casamento da Purezinha! A menina não quer e o moço não presta.

A velha, que já conhecia a energia cabo-

cla do irmão, voltou-lhe as costas, bateu a portinhola da sala, enraivecida, e foi para o quintal.

E resmungava entre dentes:

— Peste de menina! Pai banana, palermão, que só faz as vontades da filha. Mas hão de me pagar!

Sinhana tomou a bacia de roupa suja e se dirigiu ao córrego da estrada.

Manecão passava aí, por uma coincidência.

— Uai, nha Sinhana! Vancê aqui?

— Que bão que eu encontrei vancê, Manecão! Precisamo conversá. Venha aqui, debaixo do bambú.

E deixando a roupa ensaboada no capim, Sinhana se aproxima do bambuzal, que ensombreava a estrada.

— Olhe, Manecão, as coisas vão muito mal!

— Ah! já sei! Aquela bebedeira daquele dia me estragou. E agora eu inté já ando meio inclinado no copo...

— Crédo! Eu não disse pra vancê que não bebesse mais? Nho Quim não gostou do caso. Já soube de tudo. A Purezinha anda teimando que não casa, e o pai já disse, também, que agora não deixa mais. Que atrapaiação!...

— Mas olhe, nha Sinhana: não haverá mesmo um jeito?

— Uai! Jeito a gente arranja!

— Será possível?

— Sim; vancê continue gostando da Purezinha e, durante a novena, se corrija da bebedeira, f.que sério, arranje bom padrinho pra falar com nho Quim. Veja si fala com o Vigário. Quem sabe...

— O Padre João é muito amigo do meu pai.

— Pois arranje isto. Não demore.

— Qual! eu desisto. Vou continuar na pinga mesmo.

Não faça isso! A novena começa amanhã e amanhã mesmo venha, como nós combinamo, e eu faço a Purezinha arrumar tudo!

— Pois eu vou vê o que arresolvo. Até amanhã!

— Sim, até amanhã de tarde, ao escurecer, na encruzilhada!

A NOVENA

O Missionário chegou. Na capela do bairro se ia festejar a Imaculada Conceição, a padroeira querida. O bom Missionário da Aparecida voltara. Lica, o fazendeiro, não cabia em si, de contente. Alcançara o que lhe parecia impossível: a volta do Missionário para toda a novena.

(Continua)

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

As queixas da bonequinha

Senhores: não achem graça
Vendo-me aqui a chorar.
Eu sou boneca de massa,
Mas já sei o que é penar!

Não posso mais! Não aguento
As mágas que sinto! Não!
Um tão grande sofrimento
me estraçalha o coração!

Vou lhes contar a desdita
Que me faz tão infeliz.
É verdade! Não é fita!
Juro pelo meu nariz!...

Sou bonita, destemida...
Não sou mesmo? Pois então!
No entanto, vivo esquecida
Na caixa de papelão!!!

Hoje as meninas modernas
Já não gostam mais de mim.
Não são boas, nem são ternas.
Por que me desprezam assim?

Não brincam mais com boneca
Não passam horas a fio
Nem com a bo'a e a peteca!
Só lhes causamos fastio!...

Preferem ir ao cinema,
Ler romance e folhetim!
Chóro, e digo, embora trema:
Já não gostam mais de mim!



Em vez de me carregar,
Essas meninas faceiras
Vão para os baies dançar!!!
E lá ficam horas inteiras

"Bancando" gente crescida!
Pergunto agora: É direito?!
Eu não gosto de "mexida",
Mas protesto!!! Com efeito!

O mundo está torto ou não?
(Ve'o isto com horror!)
Estando eu com a razão
Vou lhes pedir um favor:

Digam a essas meninas
(Descu'pem a grande massada!)
Que vo'to para as vitrinas
Porque estou muito zangada!!!

REGINA MELILLO DE SOUZA

Ótimos livros:

A LEI DE DEUS

Belíssima coleção de lendas, baseadas nos preceitos do Decálogo

333 páginas de leitura amena para centros de Ação Social

PREÇO: 5\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

DEVOCIONARIOS ESCOLHIDOS PARA OUVIR BEM A SANTA MISSA

AVE MARIA 1\$500
MANÁ DO CRISTÃO . . . 4\$000
DEVOTO JOSEFINO . . . 4\$000
CAMINHO RETO 12\$000
MANUAL DO CRISTÃO
(com letra grande) . . . 15\$000

(Pelo correio mais 1\$000)

PARA PRESENTES

com encadernação de todo luxo

ANTE O ALTAR

de 20\$, 22\$, 25\$, 30\$ e 50\$000

Verdadeiro repositório espiritual de pensamentos eucarísticos, próprios para passar fervorosamente uma piedosa Hora Santa.

★

À venda na

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Rua Jaguaribe, 699
Caixa, 615 — São Paulo

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Rmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado por três Exmos. Srs. Bispos e diversos Abades.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Sede em PORTO ALEGRE

Rua da Conceição n.º 422

Caixa Postal. 514

End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

VIDROS E VITRAES

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

S
Ã
O
P
A
U
L
O

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAES ARTISTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

★

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! E' que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não ha criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma coisa!

Durante o período da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, acalma-lhe a super excitação e impede as verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de colicas, diarréas, gastro-enterite, febre, insônia, etc. Contendo fosfatos e calcários, proporciona ao organismo infantil materiais de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA às crianças desde cerca de quatro meses de idade.



CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

REVISTA DE EDUCAÇÃO
COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA
CHACARA PARAIZO
RIO CLARO